



**ENAN
PUR** 2023
Belém 22 a 26 de maio



Cidade de Deus, entre a ficção e a realidade: um projeto da Aliança para o Progresso (APP) para o Estado da Guanabara¹

ST-06: Cidade, história e identidade cultural

Aline Cristina Fortunato Cruvinel
Doutoranda em Urbanismo (PROURB/UFRJ)
E-mail: aline.cruvinel@fau.ufrj.br

Resumo. Este artigo apresenta a Cidade de Deus a partir de sua origem, isto é, como um dos conjuntos habitacionais do programa estadunidense Aliança para o Progresso (APP), com abrangência latino-americana, no contexto do chamado Estado da Guanabara, território que corresponde à atual cidade do Rio de Janeiro. Tem-se como objetivo trazer aspectos históricos e urbanos da criação e implementação de tal projeto, de modo a debater os reflexos deste na produção do espaço urbano no contexto do capitalismo dependente e na consolidação do imaginário de violência, que resultariam no livro *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, e no filme homônimo (2002), de Fernando Meirelles, a partir do qual o bairro passaria a ser conhecido internacionalmente. Para isso, são consultados documentos históricos, dentre os quais imagens, jornais e revistas das décadas de 1960 e 1970, além da bibliografia dedicada ao tema, consultada em bases como Scopus e Periódicos CAPES. Como resultado, percebe-se o processo de apagamento da história dos conjuntos financiados pela APP, bem como características de sua história e de sua urbanização que contribuíram para acentuar desigualdades socioespaciais na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave. Cidade de Deus; Rio de Janeiro; Urbanismo; Conjunto habitacional; Aliança para o Progresso.

City of God, between fiction and reality: a project by the Alliance for Progress for the State of Guanabara

Abstract. This article presents City of God (*Cidade de Deus*) from its origins as one of the housing complexes of the US program Alliance for Progress, with Latin American coverage, in the context of the so-called State of Guanabara, territory that corresponds to the current city of Rio de Janeiro. The objective is to bring historical and urban aspects of the creation and implementation of such a project, in order to discuss its reflexes in the production of urban space in the context of dependent capitalism and in the consolidation of the imaginary of violence, which would result in the book *Cidade de Deus* (1997), by Paulo Lins, and in the homonymous film (2002), by Fernando Meirelles, from which the neighborhood would become known internationally. For this, historical documents are consulted, including images, newspapers and magazines from the 1960s and 1970s, in addition to the bibliography dedicated to the subject, consulted in databases such as Scopus and Periódicos CAPES. As a result, the process of erasing the history of the complexes financed by Alliance for Progress is perceived, as well as characteristics of their history and urbanization that contributed to accentuate socio-spatial inequalities in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: City of God; Rio de Janeiro; Urbanism; housing project; Alliance for Progress.

¹ Este artigo foi desenvolvido com base nos resultados obtidos durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em Sociologia Urbana, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob o título "Os conjuntos da Aliança para o Progresso (APP) na América Latina". Além disso, muitas das ideias aqui trazidas foram amadurecidas através dos debates realizados pelo Grupo de Estudos em Teoria Marxista da Dependência (GE-TMD), da Escola de Formação Política da Classe Trabalhadora – Vânia Bambirra (EFoP).

Ciudad de Dios, entre la ficción y la realidad: un proyecto de la Alianza para el Progreso (APP) para el Estado de Guanabara

Resumen. Este artículo presenta la Ciudad de Dios (*Cidade de Deus*) desde sus orígenes como uno de los conjuntos habitacionales del programa norteamericano Alianza para el Progreso (APP), con cobertura latinoamericana, en el contexto del llamado Estado de Guanabara, territorio que corresponde a la actual ciudad de Río de Janeiro. El objetivo es traer aspectos históricos y urbanos de la creación e implementación de tal proyecto, para discutir sus reflejos en la producción del espacio urbano en el contexto del capitalismo dependiente y en la consolidación del imaginario de la violencia, que resultaría en el libro *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, y en la película homónima (2002), de Fernando Meirelles, a partir de la cual el barrio se daría a conocer internacionalmente. Para ello se consultan documentos históricos, incluyendo imágenes, diarios y revistas de las décadas de 1960 y 1970, además de la bibliografía dedicada al tema, consultada en bases de datos como Scopus y Periódicos CAPES. Como resultado, se percibe el proceso de borrado de la historia de los complejos financiados por APP, así como características de su historia y urbanización que contribuyeron a acentuar las desigualdades socioespaciales en Río de Janeiro.

Palabras clave: Ciudad de Dios; Río de Janeiro; Urbanismo; conjunto habitacional; Alianza para el Progreso.

Introdução

Conhecida internacionalmente sobretudo a partir do filme de Fernando Meirelles lançado em 2002 e baseado no livro publicado por Paulo Lins em 1997, a *Cidade de Deus* – que dá nome às duas obras e ao bairro da zona oeste do Rio de Janeiro – se tornou uma representação da violência que tem se mostrado nas últimas décadas como um elemento estruturador da formação social brasileira, tal como aponta Martins (2007) em artigo que relaciona urbanização e violência, com base nas duas obras em questão.

Com mais de 3 milhões de espectadores em 2002, o filme *Cidade de Deus* foi indicado a quatro Oscars em 2004 e marcou um momento de ascensão da indústria cinematográfica brasileira, ao mesmo tempo em que voltou olhares do mundo todo para um bairro que até então pouca atenção conseguia, tanto da mídia quanto do Estado, apesar de ter sua origem, ainda na década de 1960, diretamente vinculada a políticas públicas urbanas e a uma conjuntura econômica internacional que fazia com que a América Latina fosse vista como um território estratégico para investimentos e experimentações de diferentes campos, dentre os quais o da Arquitetura e do Urbanismo.

Assim, no final do século XX e início do século XXI, por meio dos caminhos escolhidos por Lins e por Meirelles para representá-la – o que, vale ressaltar, definia o enfoque na violência, no tráfico de drogas e na realidade social à época –, a obra literária e a obra cinematográfica trouxeram luz a aspectos da história social e urbana brasileira frequentemente camuflados, permitindo questionar a costumeira e falaciosa associação entre *modernidade* e um *futuro melhor* (MARTINS, 2007, p. 41). Se, nesse cenário, tais obras podem apresentar características passíveis de críticas, como a da banalização da violência e a da estigmatização do bairro (e de sua população) recorrentemente atribuídas ao filme e citadas em algumas de suas resenhas, elas, ao mesmo tempo, representam uma contribuição importante para trazer visibilidade a questões que têm demandado um debate mais aprofundado.

Não por acaso, uma busca do termo “*Cidade de Deus*” na base de periódicos da CAPES resulta em 271 artigos que, em sua grande maioria, se concentram em discussões sobre o cinema e sobre a literatura, demonstrando como o livro e o filme motivaram o trabalho científico sobre o bairro nas últimas duas décadas. Uma lacuna histórica, no entanto, pode ser notada na produção acadêmica, que está relacionada ao processo de formulação e construção da *Cidade de Deus* como resultado de um projeto de aprofundamento da dependência latino-americana e de combate ao comunismo através da Aliança para o Progresso (APP), apresentado pelo governo dos Estados Unidos nos anos 1960 como um programa de *cooperação* para auxiliar no desenvolvimento e progresso dos países da América Latina, atuando por meio de ajuda financeira para diferentes iniciativas, dentre elas a provisão de habitação popular, baseando-se em um ideário de modernidade.

A atuação da APP, assim, se deu em diferentes países latino-americanos e seus investimentos na construção de conjuntos habitacionais se materializaram em diferentes cidades brasileiras, como

exemplifica o estudo de Gama (2022), que aborda o conjunto Cidade da Esperança, em Natal, no Rio Grande do Norte. No caso do Estado da Guanabara, onde atualmente se localiza a cidade do Rio de Janeiro, a APP foi responsável pela construção de pelo menos quatro conjuntos habitacionais cariocas – a Vila Aliança, em Bangu; a Vila Kennedy, em Senador Camará; a Vila Esperança, em Vigário Geral; e a Cidade de Deus, inicialmente parte do bairro de Jacarepaguá e que na década de 1980 se tornou um bairro próprio. Estudos sobre os três primeiros conjuntos, no entanto, se mostram escassos, enquanto aqueles sobre a Cidade de Deus, como ressaltado, focam nas ficções de Lins e Meirelles. Pode-se dizer que grande parte dos brasileiros ou mais especificamente dos cariocas, mesmo que nunca tenha ali pisado, imagina o que é a Cidade de Deus, devido a sua representação cinematográfica. Poucos, entretanto, sabem como ela foi concebida e viabilizada.

Este artigo, assim, tem como objetivo resgatar, através da pesquisa de documentos históricos, como imagens, jornais e revistas, de artigos acadêmicos e de trechos do livro escrito por Paulo Lins o processo de produção da Cidade de Deus, entendendo-o como manifestação de um modo característico de produzir o espaço urbano latino-americano, sobretudo na década de 1960, e que ainda hoje é pouco abordado pela literatura especializada no tema e pelo campo da Arquitetura e do Urbanismo de maneira mais abrangente.

1. A Aliança para o Progresso (APP) e a produção de conjuntos habitacionais no Estado da Guanabara na década de 1960

Apesar de o papel da Aliança para o Progresso na produção do espaço urbano do Rio de Janeiro não ser um tema recorrente em obras acadêmicas que se dedicam ao estudo da história urbana carioca, pesquisadores que abordam a temática atribuem ao programa em questão a construção de quatro conjuntos habitacionais: a Vila Aliança, a Vila Kennedy, a Vila Esperança e a Cidade de Deus (BENMERGUI, 2009, p. 304). Uma investigação mais aprofundada de documentos históricos acerca da atuação da APP, no entanto, demonstra como é difícil delimitar com exatidão seu real impacto no Rio de Janeiro, especialmente porque grande parte dos investimentos recebidos pelo Estado da Guanabara a partir do programa em questão mesclou-se com recursos internos e direcionou-se a diferentes projetos, dentre eles obras de infraestrutura urbana, além da construção dos conjuntos habitacionais, todos eles vinculados ao projeto de Reforma Urbana e ao Plano de Habitação Popular colocados em prática por Carlos Lacerda e Negrão de Lima na década de 1960.

Tais projetos foram desenvolvidos em grande parte por meio da Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara (COHAB-GB), em um processo que historicamente evidencia o papel dos órgãos do Estado na reforma urbana que, dentre outros aspectos, resultou na remoção dos chamados *favelados da Guanabara* da zona sul e das áreas centrais da cidade e na realocação destes para bairros do subúrbio carioca – notadamente para o bairro de Bangu e Senador Camará, onde, além dos conjuntos da Vila Aliança e da Vila Kennedy, foram construídos nas décadas de 1960 e 1970 conjuntos financiados pelos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs).

Nesse sentido, ainda que, ao se abordar as políticas urbanas do Estado da Guanabara na década de 1960, a APP – quando citada – seja tratada de modo tangencial, esta teve expressiva influência na produção do espaço urbano do Rio de Janeiro. Os exemplos de outros conjuntos habitacionais construídos pela APP na América Latina – como o da Ciudad Kennedy, em Bogotá, na Colômbia (ARAVECCHIA-BOTAS, 2019); o da Unidade Habitacional John Kennedy, na Cidade do México; a da Colônia Kennedy, em San José, na Costa Rica; o da Ciudad General Belgrano, em Buenos Aires, na Argentina (BENMERGUI, 2009); o da Población Kennedy, em Puerto Montt, no Chile (OJEDA, 2021); dentre outros – demonstram, além disso, que os projetos viabilizados no contexto carioca não se apresentam como um caso isolado, mas, ao contrário, enfatizam a abrangência continental formulada pelo programa desde a sua gênese.

Como indicado por Benmergui em sua análise sobre os manuais de conduta distribuídos para os novos moradores da Vila Kennedy, no Rio de Janeiro, e da Ciudad General Belgrano, em Buenos

Aires, os projetos consolidavam um discurso de defesa da casa própria, que se pautava, por sua vez, em um ideário de vida urbana moderna e em mudanças comportamentais do indivíduo em seu ambiente doméstico (2009, p. 304), de modo a popularizar hábitos até então restritos à classe média e a inserir cada vez mais a classe trabalhadora em uma lógica de consumo que expandiria o domínio imperialista dos Estados Unidos. Não por acaso, nesse período e nas décadas seguintes emergiram debates que propunham uma análise mais crítica de tais iniciativas – estas quase sempre colocadas como ações de benevolência estadunidense, em prol da democracia e contra o que se entendia como a tirania do comunismo, que, por sua vez, era cada vez mais difundido, sobretudo após a Revolução Cubana na década de 1950. Dentre esses debates, são notórias as contribuições dos teóricos da Teoria Marxista da Dependência (TMD), que se dedicaram a investigar e a explicar a dependência latino-americana como um aspecto estrutural das relações econômicas e políticas resultantes do imperialismo.

Pode-se dizer, contudo, que os investimentos da APP na provisão de habitação na América Latina não resultaram em projetos homogêneos. Na realidade, e mesmo a dificuldade de acessar a história de muitos desses projetos confirma isso, a provisão de moradias se deu de modo relativamente diverso e pautado sobretudo nas estratégias adotadas pelos governos de cada país e cidade envolvida, ainda que seja possível identificar semelhanças entre seus contextos urbanos, entre as escolhas projetuais adotadas e entre os desdobramentos de tais projetos nas suas respectivas cidades nas décadas que sucederam sua construção. Vale ressaltar, além disso, as articulações entre profissionais envolvidos nesses projetos, incluindo arquitetos e urbanistas, como aconteceu a partir do workshop realizado pelo Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA), como indica Gama (2022, p. 109) em seu estudo sobre o conjunto Cidade da Esperança, construído com recursos da APP em Natal.

No caso carioca, é possível encontrar informações em jornais publicados na década de 1960 que atribuem à APP, através do Fundo do Trigo, os recursos direcionados à construção de conjuntos habitacionais, à urbanização da Favela da Vila da Penha, à construção de um centro de saúde em Madureira e a melhorias em 35 favelas (ALIANÇA..., 1962, p. 18). Segundo *A Tribuna da Cidade* de 26 de novembro de 1962:

Com as verbas do Fundo do Trigo, cabeça-de-ponte da Aliança para o Progresso, a Fundação Leão III constrói dois conjuntos de casas populares: a Vila Aliança e a Vila Esperança (atual Vila Kennedy), além de realizar grandes obras em diversas favelas do Estado.

Na Vila Aliança, em Bangu, já estão concluídas, das 2.100 previstas, 400 casas, sendo 320 do tipo A (sala, banheiro e cozinha) e 80 do tipo B (sala, quarto, banheiro e cozinha). 800 estão sendo construídas (416 do tipo A e 384 do tipo B) e já está pronto o projeto do loteamento para as 900 casas restantes.

A Vila Esperança¹, que fica em Senador Camará, terá 3.000 casas e o projeto foi dividido em duas glebas, sendo que já está concluído o da primeira gleba, com 1.423 casas e um centro comercial. Na Vila Eugênia, em Deodoro, foi feito o levantamento topográfico da área desapropriada. O projeto está dividido em duas glebas, já tendo sido tomadas providências para a instalação da rede de esgoto em toda a Vila. (BALANÇO..., 1962, p. 4)

Vale destacar que é possível haver confusões na identificação dos conjuntos a partir dos jornais da época, uma vez que houve uma mudança de nome entre os conjuntos: inicialmente nomeada como Vila Esperança, a Vila Kennedy só ganhou esse nome em 1963, após a morte do então presidente dos Estados Unidos e ao qual se atribui a implementação da APP – a mesma mudança aconteceu em outros conjuntos construídos pela APP na América Latina, como na Ciudad Kennedy (antiga Ciudad Techo), em Bogotá, e na Colônia Kennedy (antiga Ciudadela El Bosque), em San José. Da mesma maneira, o nome “Vila Esperança” só passou a ser atribuído ao conjunto de Vigário Geral, com projeto de 400 moradias, a partir de novembro de 1963.

Nesse mesmo sentido, uma notícia veiculada pela *Tribuna da Imprensa*, em 30 de setembro de 1965, situa tais projetos no contexto de produção da cidade, ressaltando também a contribuição da APP para a provisão de infraestrutura e equipamentos urbanos:

Quatro novos bairros surgiram na Guanabara para abrigar mais de nove mil famílias que viviam em barracos, nas favelas do Estado: Vila Aliança, Vila Kennedy, Vila Esperança e Cidade de Deus, as quais, além de casas em alvenaria, oferece[m] aos moradores, ruas calçadas, esgotos, água corrente, escolas, hospitais e campos de esporte.

Ao lado dessas construções que beneficiaram a mais de 75 mil pessoas, a Guanabara entregou 1.193 apartamentos, distribuídos por cinco conjuntos residenciais, recuperou o Conjunto de Dona Castorina – onde viviam 252 famílias – e criou o Centro de Habitação Social, um estágio entre as favelas e as vilas, possibilitando maior conforto e melhores moradias a milhares de cariocas. (POVO..., 1965, p. 6)

Além dos projetos citados, em uma busca combinada dos termos “Aliança para o Progresso” e “casas” na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), é possível encontrar referência a outros conjuntos habitacionais construídos com recursos da APP no território que hoje corresponde à cidade do Rio de Janeiro. A Revista Manchete, por exemplo, publicou diversas matérias a respeito das casas construídas pela APP no Estado da Guanabara ao longo da década de 1960, com fotografias da época e com a indicação dos nomes dos conjuntos, dentre eles o bairro Nova Holanda, na Avenida Brasil, que hoje integra o Complexo da Maré. Uma busca combinada dos termos “Aliança para o Progresso” e “Nova Holanda” na mesma base de dados, no período de 1960 e 1969, resulta em 14 ocorrências, indicando a pouca vinculação estabelecida ainda naquele momento entre o bairro planejado – que resultou de um projeto de urbanização da favela homônima ali situada – e o programa estadunidense.

Nos jornais, também há divergências nos dados relativos à quantidade de habitações construídas em cada conjunto habitacional, o que se deve possivelmente às alterações e expansões propostas nesse período, uma vez que as casas foram entregues gradualmente. No caso da Vila Aliança, por exemplo, foram entregues 400 casas no final de 1962 para receber moradores da antiga favela do Bom Jesus (NÔVO..., 1962, p. 8). Ainda segundo o jornal, o projeto total previa 2250 moradias, a serem construídas em uma área de 750 mil m² localizada no bairro de Bangu. De modo geral, os projetos eram compostos por habitações de 1 pavimento, ainda que, especialmente no caso da Cidade de Deus, tenham havido variações tipológicas nos loteamentos que eram gradualmente entregues à população. Os casos da Vila Kennedy (Figura 1) e da Vila Aliança (Figura 2) ilustram como os conjuntos de casas – estas muitas vezes descritas nos jornais como pequenas demais, não cabendo os móveis dos novos moradores – marcaram a paisagem de bairros do subúrbio do Rio de Janeiro, como Bangu e Senador Camará, ainda na década de 1960 entendidos como uma área rural, mesmo com um processo de urbanização iniciado no final do século XIX.



Figura 1. Crianças brincam em casa da Vila Kennedy na década de 1960. **Figura 2.** Casas da Vila Aliança na década de 1960. (Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, códigos BR RJ AGCRJ.ICO.PRD.PPR.KEN.428.01.10.JPG e BR RJ AGCRJ.ICO.PRD.PPR.ALI.427.02.01.JPG, respectivamente).

Diante desse cenário, integrando os conjuntos habitacionais construídos pela APP, a Cidade de Deus compartilha sua origem com diferentes bairros espalhados pela América Latina que hoje têm sua história ofuscada pelo processo de transformação desses mesmos conjuntos ao longo das décadas seguintes à sua construção – processo, por sua vez, marcado pelo agravamento de

vulnerabilidades da população ali residente – e, no caso do Estado da Guanabara, pelo apagamento gerado pela realocação dos favelados, não raro trazendo experiências traumáticas para estes.

De modo geral, a Vila Aliança, a Vila Kennedy, a Cidade de Deus, a Vila Esperança, a Nova Holanda, a favela da Vila da Penha, o conjunto Dona Castorina, entre outros exemplos que ainda exigem maior investigação, demonstram as estratégias de ação adotadas pelo Estado da Guanabara para implementar um plano de habitação popular com os recursos da APP e que inseriu as camadas mais populares no circuito do mercado imobiliário e de consumo de serviços urbanos, sem, no entanto, garantir que essas camadas pudessem se manter nele. Não surpreende, assim, que na década de 1970, poucos anos após a entrega das residências, notificações de despejos tenham sido comuns para os moradores dos conjuntos financiados pela APP no Estado da Guanabara.

2. Cidade de Deus, entre a ficção e a realidade

Famílias de várias favelas do Rio chegavam ao novo conjunto habitacional. A chance de adquirir uma casa própria e, enfim, estabelecer-se funcionava como um chamariz, mas a distância e a precariedade das condições oferecidas levavam muitos a reconsiderar a decisão. Se, por um lado, os trabalhadores tinham de acordar de madrugada e andar três quilômetros para pegar o ônibus no largo da Freguesia, por outro cada criança que chegava era uma paixão garantida pelo lugar: quando não era o goiabal, eram os abacateiros; quando não era o bosque, eram os casarões mal-assombrados; quando não era o lagozinho, era o lago; quando não era o rio, era a lagoa; quando não era o charco, era o mar da Barra da Tijuca. (LINS, 2012 [1997], p. 29-30).

Apesar de a violência e a criminalidade serem características notórias que se mostram expressas na narrativa de Lins e que são reconhecidas internacionalmente como definidoras da realidade da Cidade de Deus (CDD), especialmente após a interpretação dada pelo filme lançado em 2002, uma leitura atenta da obra de Lins, e ancorada em um conhecimento preliminar sobre o processo que originou o conjunto através dos objetivos da Aliança para o Progresso e das políticas urbanas do Estado da Guanabara à época, permite identificar traços marcantes da sua história e paisagem urbana.

Ao longo de seu texto, Lins situa o leitor espacialmente, entrelaçando tais traços com o próprio desenrolar dos acontecimentos ao longo da narrativa. Assim, a partir desta, a Cidade de Deus se forma no imaginário do leitor através das suas ruas – e dos termos e referenciais de localização utilizados pelos moradores, como “Lá em cima”, “Lá na Frente”, “Lá Embaixo”, “Lá do Outro Lado do Rio”, “os Apês”, “Rua do Meio”, “ponte da Cedae”, “Barro Vermelho”, “rua da farmácia”, “Sangue e Areia”, dentre outros exemplos –, evidenciando um cenário que, mesmo que em transformação, expressava aspectos de uma paisagem que ainda pouco se mostrava intocada e que trazia certa ruralidade à vida dos moradores do conjunto habitacional. Percebe-se, assim, o surgimento de códigos próprios, que resultam da própria relação desses moradores com o espaço – as ruas, a topografia, os espaços de lazer, a natureza, o entorno (isto é, o *dentro* e o *fora*) – e, nesse sentido, dos desdobramentos do *projeto* diante da *realidade*. As figuras 3 e 4 ilustram como era a Cidade de Deus nas décadas de 1960 e 1970.



Figura 3. Moradores da Cidade de Deus no dia 16 de março de 1966. (fonte: Arquivo Nacional, código: BR_RJANRIO_PH_0_FOT_04266_022). **Figura 4.** Aspectos da Cidade de Deus, em 02 de julho de 1971 (fonte: Imagem do jornal Correio da Manhã, disponível no Arquivo Nacional, código: BR_RJANRIO_PH_0_FOT_04266_025)

Pode-se dizer que a ficção de Lins, apesar de não indicar marcos temporais de modo direto e de não possuir um compromisso com uma representação fidedigna de fatos históricos, nos auxilia a entender a relação de seus moradores com o espaço e sua realidade social, nos finais da década de 1960 e nas décadas de 1970 e 1980. Entende-se que a obra incorpora aspectos característicos das três décadas – as aulas de datilografia de Busca-Pé; a referência às enchentes de 1966, que, segundo a narrativa, teriam culminado na mudança dos primeiros moradores para a Cidade de Deus; a veiculação de desenhos infantis, como *Speed Racer* (transmitido pela Globo em 1967 e 1968) e *National Kid* (entre 1964 e 1970); a transmissão do programa de rádio *A turma da maré mansa* (o que ocorreu nas décadas de 1970 e 1980); além disso, vale lembrar que o personagem Zé Pequeno, incorporado à obra cinematográfica de Fernando Meirelles, foi de fato um traficante que atuou na Cidade de Deus nos anos 70 e 80.

Dessa maneira, a obra de Lins, guardadas as suas especificidades enquanto obra de ficção, mostra-se, de certa maneira, como um importante testemunho do autor enquanto morador do conjunto. “Antigamente a vida era outra aqui” (LINS, 2012 [1997], p. 15), lembrará o narrador, ressaltando aspectos naturais (amendoeiras, goiabeiras, bambuzais e outras tantas árvores, o rio, os lagos), mas também dirá: “Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas” (2012 [1997], p. 16). Em diferentes trechos, o narrador também registrará aspectos do projeto urbano materializado.

Por dia, durante uma semana, chegavam de trinta a cinquenta mudanças do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes. Estiveram alojados no estádio de futebol Mario Filho e vinham em caminhões estaduais cantando:

Cidade Maravilhosa cheia de encantos mil...

Em seguida, moradores de várias favelas e da Baixada Fluminense habitavam o novo bairro, formado por casinhas fileiradas brancas, rosa e azuis. Do outro lado do braço esquerdo do rio, construíram Os Apês, conjunto de prédios de apartamentos de um e dois quartos, alguns com vinte e outros com quarenta apartamentos, mas todos com cinco andares. Os tons vermelhos do barro batido viam novos pés no corre-corre da vida, na disparada de um destino a ser cumprido. (LINS, 2012 [1997], p. 17-18).

Documentos da época comprovam esse processo, como pode ser notado em matéria publicada pela Revista de Engenharia do Estado da Guanabara de 1968, com autoria do engenheiro Raul Marques de Azevedo, então diretor técnico da COHAB. Hoje integrando o acervo pertencente ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e tendo sido digitalizada pela BNDigital, a edição em questão indica que a Cidade de Deus, com implantação iniciada em 1965, trouxe *Esperança* para 1200 famílias faveladas que sofreram com as enchentes de 1966 e que, antes de ali se instalarem,

estiveram provisoriamente alojadas no estádio Maracanã e depois na Vila Kennedy (AZEVEDO, 1968, p. 27). Segundo Azevedo, “[a] Cidade de Deus, em confronto com os outros 3 (três) Núcleos pioneiros, fora totalmente planejadas (*sic*), contando inclusive com o equipamento adequado ao seu funcionamento” (1968, p. 28), mesmo que em 1966 tenha sido necessário construir banheiros coletivos de modo emergencial para receber os primeiros moradores. Ainda segundo o autor, o conjunto crescia de acordo com um plano preestabelecido, incorporando duas novas glebas às duas glebas iniciais e, assim, expandindo sua área de 70,14 para 99,16 hectares (1968, p. 28).

A matéria traz, ainda, a planta das casas construídas na segunda gleba da Cidade de Deus, conforme mostra a Figura 5, além de trazer fotografias, planta-tipo dos apartamentos e a planta geral da CDD, mostrando-se como uma referência basilar para a história e para o registro do projeto habitacional. Vale destacar que se percebe um maior registro documental e de desenhos técnicos da Cidade de Deus e isso possivelmente se deve por ela, ao contrário dos outros conjuntos instalados pela Aliança para o Progresso no Estado da Guanabara, apresentar um programa múltiplo desde a sua concepção.

Se nos documentos relativos à Cidade de Deus é possível encontrar referência à construção de praça, posto médico, cinema, mercado, dentre outros equipamentos, os conjuntos da Vila Kennedy, da Vila Aliança e da Vila Esperança são basicamente compostos por casas, ainda que posteriormente, e em grande parte devido à mobilização popular e ao aumento do número de moradores ao longo das décadas, equipamentos urbanos tenham sido instalados dentro ou nas proximidades de cada conjunto. A Figura 6, com planta do projeto da primeira e da segunda glebas da Cidade de Deus elaborada em 1968 e que pode ser consultada no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), indica a presença de alguns desses equipamentos.

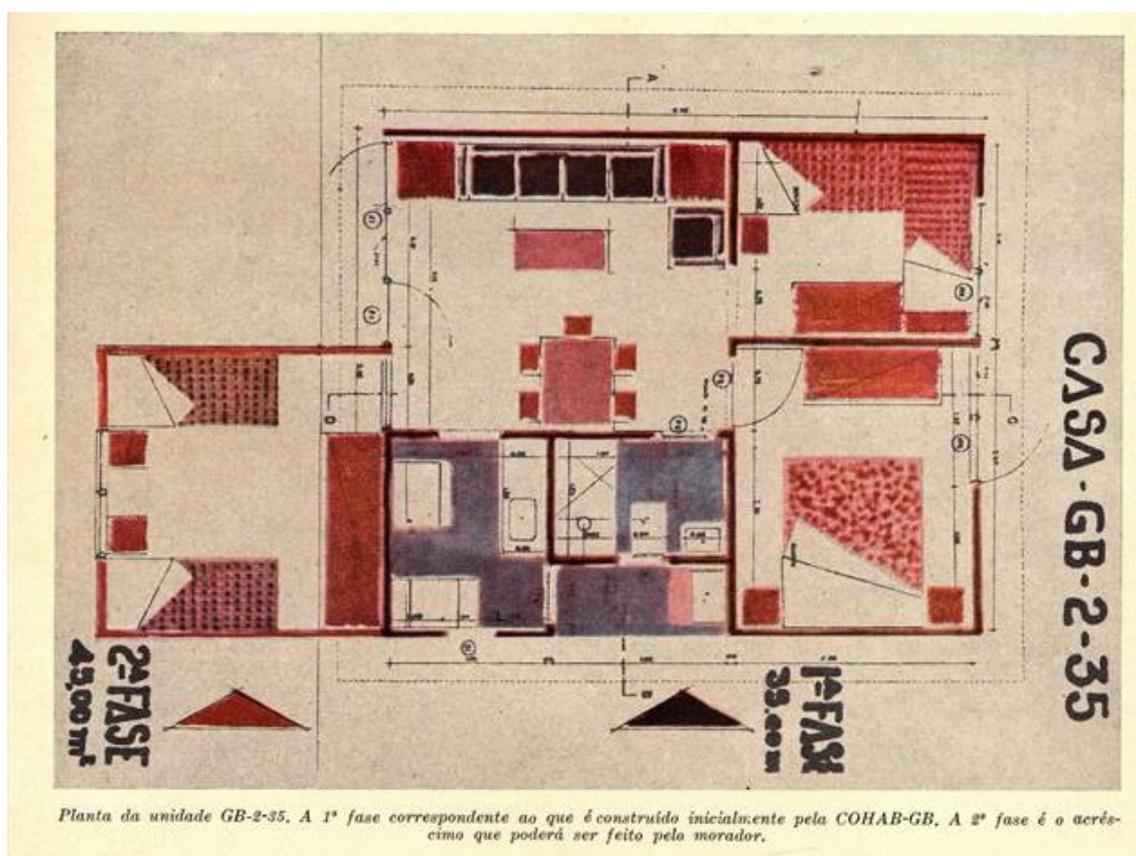


Figura 5. Uma das tipologias implementadas na Cidade de Deus (fonte: AZEVEDO, 1968).

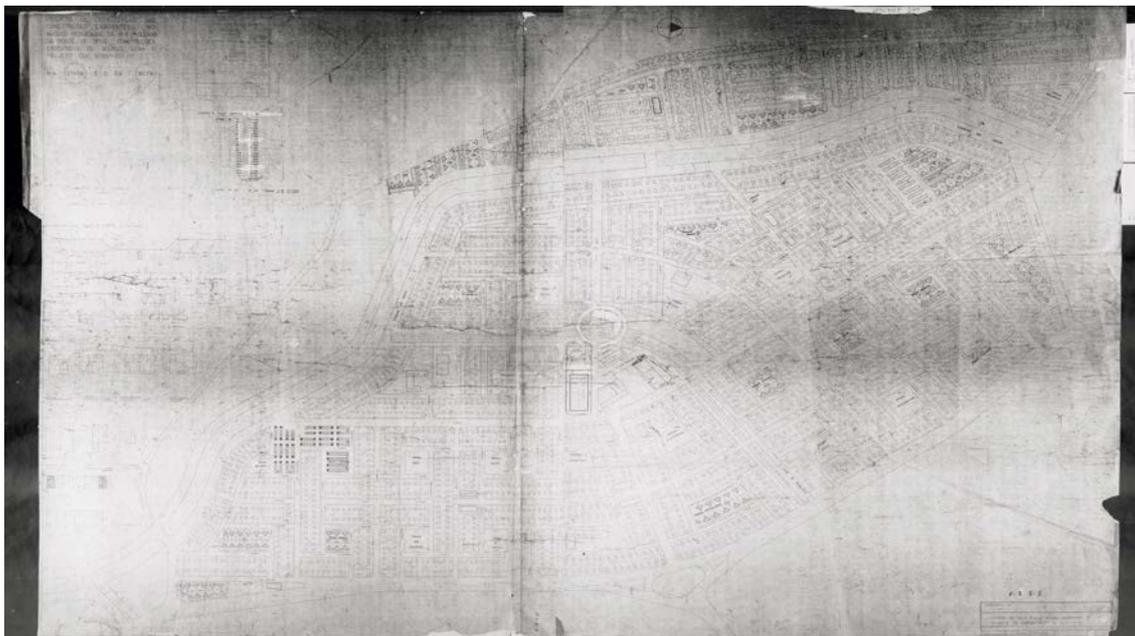


Figura 6. Planta de Urbanização e Numeração - Cidade de Deus, 1ª e 2ª glebas, com acréscimos (fonte: Arquivo Nacional, código: br_rjanrio_0n_0_map_0199_d0001de0001, material editado pela autora para melhor visualização).

Vale destacar, ainda, que, apesar de haver poucas informações sobre isso nos jornais da época, a Cidade de Deus foi concebida inicialmente com o nome *Cidade dos Meninos*, com base em uma iniciativa católica já existente no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras e que era pautada em ações filantrópicas, dentre elas a de oferecer abrigo a crianças órfãs ou em situação de rua. É importante lembrar, além disso, que a atuação da Igreja Católica, sobretudo a partir da participação de padres no movimento de favelados, foi notória nesse período. Uma notícia publicada na revista *O Mundo Ilustrado* em 1961, nesse sentido, indica que os então assessores do governador da Guanabara estudavam a ideia de “instituir uma Cidade dos Meninos, nos moldes da iniciativa do padre Flanagan” (CIDADE..., 1961, p. 7), utilizando para isso terras em Jacarepaguá. Já em 1966, no jornal *Diário de Notícias*, uma matéria relata a situação dos desabrigados que estavam instalados provisoriamente no Maracanã e seu possível destino:

Nada há de positivo sobre a remoção dos favelados concentrados no Maracanã, tudo indicando que, por muito tempo ainda, teremos o estádio transformado em favela-gigante, abrigando milhares de vítimas das enchentes e desabamentos.

As duas soluções anunciadas pelo governo, o conjunto da **Cidade dos Meninos**, em Jacarepaguá, e os galpões de emergência que serão erguidos na Vila Kennedy, dependem ainda de muitas providências burocráticas e, principalmente, de planejamento. (MARACANÃ..., 1966, p. 8, grifo nosso)

O Arquivo Nacional, por sua vez, possui em seu acervo diversos documentos oficiais da época, como ofícios, comunicações e notas fiscais – em grande parte relativos à terraplanagem de glebas, à instalação de rede de água, à construção de um mercado, de um clube, de um posto médico, dentre outros aspectos –, que permitem compreender o processo de viabilização das obras da Cidade de Deus. No Ofício nº 71 (GAB/ASM) enviado no dia 30 de junho de 1966 e assinado pela Companhia Progresso do Estado da Guanabara, são solicitados uma nova distribuição de recursos e novo plano e cronograma de aplicação destes (ARQUIVO NACIONAL, 1966a, p. 4). Ainda segundo o ofício:

A referida reformulação tem em vista atender aos prementes problemas de ordem social que se criaram naquele Núcleo em virtude da transferência de mais de 6.000 (seis mil) pessoas que ficaram desabrigadas por ocasião das enchentes de janeiro último, sem a existência de qualquer serviço comunitário. (ARQUIVO NACIONAL, 1966a, p. 4)

No início desse mesmo ano, já havia sido comunicado pelo Estado da Guanabara um “programa de assistência (socorros) pela calamidade” conforme contrato de empréstimo nº 512-L-034 com a Associação Internacional de Desenvolvimento (AID), tendo parte dos recursos destinados para as obras da Cidade de Deus. Dentre as condições de empréstimo, consta a produção de conteúdo publicitário para a divulgação da Aliança para o Progresso, prática também presente em outros projetos do programa, incluindo em alguns deles a visita do presidente John Kennedy nas cidades envolvidas, como observado nos conjuntos Ciudad Techo (Figura 7) e Ciudadela El Bosque, em Bogotá e em San José, respectivamente. No Estado da Guanabara, fotografias da época da construção da Vila Aliança ilustram alguns desses materiais publicitários (Figura 8) indicados no acordo:

Providências necessárias, satisfatórias à A.I.D., serão tomadas, pela COPEG e pelas Agências responsáveis pela execução dos projetos financiados pelo presente, quanto à publicidade dos projetos e atividades a serem financiados pela Aliança para o Progresso. Essa publicidade incluirá, mas não se restringirá, a exposição de grandes cartazes com os símbolos da Aliança para o Progresso e do “Aperto de Mãos” da A.I.D. nos locais dos projetos. (ARQUIVO NACIONAL, 1966b, p. 4)



Figura 7. John Kennedy em cerimônia de início das construções da Ciudad Techo, em Bogotá, em 1961 (fonte: JFK Library, código da imagem: ST-285-68-61). **Figura 8.** Moradores chegam à Vila Aliança na década de 1960 (fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, código da imagem: BR RJ AGCRJ.CL.VPO.GEG.SES.HAB.33).

A construção da Cidade de Deus e a conseqüente vinda de trabalhadores – que anteriormente residiam na zona sul e nas áreas centrais – para Jacarepaguá também seriam utilizadas como argumento para colocar em prática o Plano Piloto Lúcio Costa, aprovado em 1969. Em documento elaborado pela empresa Desenvolvimento Engenharia Ltda., relativo à construção do Centro da Barra, alega-se que tal empreendimento seria benéfico para a população local. Assim, segundo o documento:

Com a transferência dos favelados para a Cidade de Deus e os Núcleos Habitacionais de Jacarepaguá, o Governo da Guanabara deslocou esses operários de seu mercado de trabalho, que era a zona sul da Guanabara, obrigando-os a pagar, diariamente, o preço de duas conduções, além de gastar cerca de 3 horas com o transporte. Como o Centro da Barra encontra-se a apenas 10 minutos das residências desses operários, o tempo perdido no transporte passa, normalmente, a ser utilizado em horas extras de trabalho, permitindo-lhes um acréscimo salarial de 30% em média. (ARQUIVO NACIONAL, 1974, p. 7)

Nesse sentido, pode-se dizer que a Cidade de Deus, assim como outros projetos viabilizados pela APP foram um importante instrumento de consolidação do domínio estadunidense em diferentes cidades da América Latina, em um momento estratégico, no qual a crescente difusão dos ideários comunistas se mostrava como uma ameaça ao avanço do capitalismo. Assim, entendendo o caráter de dependência estrutural ao qual a América Latina mostra-se ainda hoje submetida, a Cidade de Deus, como um dos projetos habitacionais mais notórios da APP no Estado da Guanabara, expressa tal dependência não somente – e talvez de modo mais evidente – nas

estratégias publicitárias adotadas pelo programa ou em sua abrangência continental, mas também por ter sido parte de um conjunto de medidas que resultou no endividamento compulsório dos países latino-americanos, este, que, por sua vez, se configura como um dos aspectos dessa dependência.

Além disso, apesar de ainda carecer de análises mais profundas a respeito, aspectos como a violência crescente, o apagamento da memória da população residente, a descaracterização da arquitetura original dos conjuntos, dentre outros, se não indicam erros, inadequações ou decisões projetuais equivocadas, podem ser indícios de um projeto de dependência que se dá na escala da cidade e que pode ter se desdobrado em fenômenos urbanos não previstos e que demandam maiores estudos. O crescimento urbano nos conjuntos habitacionais e em seu entorno desde a sua construção indicam, por exemplo, a criação de novos núcleos urbanos que passaram a atrair não somente a população ali realocada de modo formal através das políticas públicas urbanas, mas também uma população marginalizada e em busca de melhores condições de vida.

Assim, o crescimento de conjuntos como Vila Aliança, Vila Kennedy, Cidade de Deus e Ciudad Kennedy – estes dois últimos transformados em bairros, tamanha sua expansão – demonstra a necessidade de se compreender a relação entre projeto e realidade, com base em sua configuração atual, avaliando de modo crítico até que ponto o desenho urbano e a provisão de moradia popular e de equipamentos urbanos podem trazer transformações efetivas quando não acompanhadas de um projeto social mais amplo. Também nesse sentido, é importante compreender como a realocação massiva da classe trabalhadora na cidade, tal como aconteceu no Rio de Janeiro das décadas de 1960 e 1970, tornou possíveis projetos urbanos que consolidam sob novos moldes a desigualdade socioespacial carioca, tal como se deu com a urbanização da Barra da Tijuca.

Considerações finais

O estudo em questão trouxe uma perspectiva não tão explorada acerca do conjunto habitacional Cidade de Deus, localizado na cidade do Rio de Janeiro, diferente daquela que já faz parte do imaginário brasileiro – e internacional – e que foi consolidada especialmente a partir da obra cinematográfica de Fernando Meirelles.

De maneira geral, explorar a origem do conjunto como parte de um projeto integrado e abrangente, que se estabelecia em escala continental e que, para além do discurso assistencialista e caritativo, possuía interesses políticos e econômicos que caminhavam no sentido de ampliar a condição de dependência estrutural dos países latino-americanos, coloca a Cidade de Deus como um conjunto que apresenta relações diretas com outros projetos urbanos desenvolvidos no mesmo período e sob as mesmas condições, ainda que tais relações não sejam evidentes e demandem um estudo histórico aprofundado.

Nesse sentido, o estudo de documentos históricos, de jornais da época e de artigos acadêmicos que se dedicaram a investigar alguns dos conjuntos construídos pela APP permitiu compreender a Cidade de Deus como uma expressão de um projeto de modernidade implementado na América Latina e que visava, dentre outros aspectos, transformações em nível comportamental e a partir do ambiente doméstico, tal como apresentado por Benmergui (2009), e que compartilha padrões de crescimento da violência, de expansão urbana, de descaracterização da arquitetura, de apagamento da memória da população residente, etc., com outros projetos da APP, tal como pode ser percebido nos estudos de Aravecchia-Botas (2019), Ojeda (2021) e Gama (2022).

Ao trazer, então, uma relação entre ficção e realidade, utilizando a obra literária Cidade de Deus, escrita por Paulo Lins (1997) e que deu origem ao filme de Meirelles, e entendendo tal obra como um testemunho histórico, guardadas suas especificidades enquanto obra literária, o estudo amplia o próprio entendimento dos registros históricos encontrados nas bases arquivísticas consultadas – desde fotografias até ofícios e notas fiscais do projeto de urbanização –, interpretando a obra de Lins como um importante recurso para compreender lógicas que muitas vezes não podem ser

apreendidas no desenho técnico, em documentos oficiais, em notícias de jornais, mas são mais facilmente apreendidas por meio da realidade e da visão do morador local. Dessa maneira, a leitura combinada de documentos históricos e obra ficcional permitiu um importante avanço no sentido de organizar e, de certa forma, mapear informações dispersas e, por vezes, contraditórias acerca da origem do conjunto e, assim, colaborar para o registro mais consistente da história deste e, por conseguinte, da história urbana do Rio de Janeiro, que ainda demonstra carecer de estudos mais aprofundados acerca da atuação da APP.

Referências bibliográficas

ALIANÇA festeja primeiro ano com presente de bilhão a favelas. **Jornal do Brasil**, 1º Caderno, 19 ago. 1962, p. 18.

ARAVECCHIA-BOTAS, N. Técnica y política en la producción de la ciudad latinoamericana. **A&P Continuidad**, v. 6, n. 11, 2019, p. 70-81.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Ofício nº 71 – GAB/ASM**. Código de Referência: Código de Referência: br_dfanbsb_1m_0_0_1015_d0033de0052. Estado da Guanabara, 30 jun.1966a.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Tradução (Documento sem nome)**. Código de Referência: Código de Referência: br_dfanbsb_1m_0_0_1008_d0009de0048. Estado da Guanabara, 21 jan. 1966b.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Aspectos sociais do Empreendimento**. Código de Referência: br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_75088436_d0005de0005. Estado da Guanabara, 16 mai. 1974.

AZEVEDO, R. M. Cidade de Deus. **Revista de Engenharia do Estado da Guanabara**, jan.-dez. 1968, p. 27-39.

BALANÇO de 5 meses: 20 favelas saneadas. **Tribuna da Cidade**, 26 nov. 1962, p. 4.

BENMERGUI, L. The alliance for progress and housing policy in Rio de Janeiro and Buenos Aires in the 1960s. **Urban History**, Cambridge, v. 36, n. 2, 2009, p. 303-326.

CIDADE dos meninos. **O Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, 1961, n. 168, p. 7.

GAMA, Y. Planning a society: urban politics and public housing during the Cold War in Natal, Brazil. *In: The Social and Political Life of Latin American Infrastructures*. Alderman e G. Goodwin: Londres, 2022, p. 101-126.

LINS, P [1997]. **Cidade de Deus**. São Paulo: Planeta, 2012.

MARACANÃ continua favelão: solução demora muito. **Diário de Notícias**, 1966, 1ª seção, p. 8.

MARTINS, S. Urbanização e violência: Reflexões a partir do livro e do filme Cidade de Deus. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 18, 2007, p. 33-54.

NÔVO bairro surge em Bangu para favelados. **Correio da Manhã**, 1º Caderno, 2 nov. 1962.

OJEDA, C. La influencia de la Alianza para el Progreso en la vivienda colectiva tras el terremoto de 1960 en Chile. Caso de estudio: Población Kennedy, Puerto Montt. **Cuadernos de Vivienda y Urbanismo**, v. 14, 2022, p. 1-17.

POVO ganha casa e deixa favelas. **Tribuna da Imprensa**, 30 set. 1965, p. 6.

ⁱ A notícia se refere, na realidade, à Vila Kennedy, até novembro de 1963 denominada Vila Esperança.